

PROENÇA, Domício, DUARTE, Érico E. **Projeção de poder e intervenção militar pelos Estados Unidos da América.** Revista Brasileira de Política Internacional 2003, 46 (janeiro-junho).

SARMENTO, Luciana Villela de Moraes. **Ticket to ride. As tensões entre consumo e contracultura nas letras de música dos Beatles.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VILLARES, Lúcia. **John Lennon: no céu com diamantes.** São Paulo: Brasiliense, 4.<sup>a</sup> ed., 1984.

## **PANKARARU, ÁGUA E SENSIBILIDADES: NOTAS ESPARSAS**

Josélia Ramos da Silva

Mestranda em História pelo PPGH da  
Universidade Federal de Campina Grande

joseliaagua@hotmail.com

### **RESUMO**

Esse artigo tem por objetivo discutir saberes culturais sobre a água, analisando os sentidos e as sensibilidades que água provoca nos índios Pankararu da Aldeia Brejo dos Padres, localizada no sertão de Pernambuco do Submédio São Francisco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá/PE. A historiografia vem tecendo discursos sobre a crise hídrica, sobre uso e manuseio da água, canalização, etc., sem, no entanto, tecer um olhar para a água como sujeito e objeto histórico. Sentido e significado que busco nos saberes indígenas do povo Pankararu, por perceber um elo que este povo tem para com as águas, elo diferente do que costumeiramente é percebido nos discursos históricos. A história cultural, responsável por dar visibilidade aos sentidos, em que aspectos culturais, formas de expressão e tradução da realidade se fazem de forma simbólica, fundamenta esta

pesquisa que visa um olhar diferente para com a água, olhar que busca ver a água circular em forma de saberes nos discursos educativos.

**Palavras-chave:** Água; indígena; sensibilidades

## 1 Introdução

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo junto ao povo Pankararu, da Aldeia Brejo dos Padres, em Pernambuco. Ela toma como objeto de investigação o elemento "água". Tal pesquisa analisa os discursos educativos sobre a utilização da água, responsáveis por implantar saberes culturais pela educação dos sentidos, em duas escolas estaduais indígenas Pankararu, do Brejo dos Padres: a escola Dr. Carlos Estevão e a escola Pankararu Ezequiel. Tendo como recorte temporal o tempo presente. Esta pesquisa está vinculada teoricamente ao campo da História Cultural, que assinala uma reinvenção do passado, capaz de construir nossa contemporaneidade, conforme afirma Sandra Pesavento (2003, p. 16), e à Linha III do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande que vem se empenhando em discutir a História Cultural das Práticas Educativas.

Nas últimas décadas vem se descobrindo que a água é um recurso natural restrito que corre o risco de se tornar raro. Historicamente, a água vem sendo usada pela humanidade nas mais diversas formas e maneiras. Hoje os dados nos mostram que

a Terra dispõe de um volume de água duas vezes menor do que há cinquenta anos e mais de um bilhão de pessoas vivem sem acesso à água potável. Calcula-se que em 2025 dois terços dos habitantes do planeta terão reservas de água frágeis ou catastróficas. Calcula-se, também, que o atual consumo médio de água é duas vezes maior do que aquele do início do século XX. A demanda por água doce aumenta rapidamente, mas a oferta diminui. Entre 1900 e 1995, a captação da água evoluiu num ritmo duas vezes mais rápido do que o aumento da população. Diante desse panorama pouco auspicioso, o Brasil parece privilegiado dada a vasta rede hidrográfica existente em seu território. No entanto, essa riqueza natural não é suficiente para garantir água de qualidade e em quantidade suficiente para todos. O descompasso entre abundância natural e pobreza no tratamento e na distribuição social do líquido pode ser brutal, provocando situações tão catastróficas quanto a desertificação de regiões naturalmente desprovidas de caudalosos veios aquáticos. (SANT'ANNA, 2007, p. 293s).

Diante de um contexto em que a água passa de um recurso ilimitado para um recurso limitado, a historiografia vem tecendo diversos discursos que se voltam a narrar

a água a partir da crise hídrica, sobre seu uso e manuseio, sua canalização e disputa, entre outros, sem, no entanto, tecer um olhar para a água como sujeito e objeto histórico.

Apropriada pelos diversos discursos ao longo da História e representada por múltiplas configurações sociais, a água constitui também as formas como os sujeitos se veem e se compreendem no mundo, sendo referência para o mapeamento geográfico dos lugares à constituição do organismo vivo dos seres que nos cercam. Tessitura de espaços, cultos, políticas, seres e coisas que re(a)presentam a sociedade, esta apropriação discursiva da água remete a “uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1990, p.26).

Nas sociedades atuais a água também constitui um sistema complexo e frágil que se presta a diversos consumos: pela alimentação humana e animal, no uso industrial, agricultura, navegação, produção de energia, usos recreativos, ecológicos, medicinais e religiosos entre outros. Matéria prima insubstituível e vital (BARROS, 2003, p. 30), a água é tomada como um "bem". Para Roger Chartier estas apropriações, representações e práticas estão imbricadas e proporcionam a apreensão da realidade pelos sujeitos de forma plural e criativa.

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São essas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificando com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando. (CHARTIER, 1990, p. 27).

Esse artigo pretende analisar as representações dos saberes culturais dos Pankararu, por perceber um elo que este povo tem para com as águas, elo diferente do que costumeiramente é percebido nos discursos históricos já publicados. Portanto, pautando-me numa história Cultural, busco um olhar sensível para com a água.

## **2 As águas Pankararu**

O povo Pankararu faz parte do grupo mais amplo de índios do sertão ou Tapuia. Povo sertanejo por localidade espacial, e indígena por identidade étnica, aqui entendida como algo além de uma identidade social, embasada numa noção de si dentro de uma consciência. Comungo com Fredrik Barth (2000, p. 37) quando diz que identidade étnica é uma “identidade imperativa, uma vez que não pode ser desconsiderada e temporariamente deixada de lado em função de outras definições da situação”. Identidade étnica é plural diversa. Conta a história oral do povo Pankararu que as terras onde habitam foram dadas pela Coroa Portuguesa, com a medição de quatro léguas em quadra, num total de 14.294 há. “O instrumento dessa doação é um Alvará Régio de 1700 que determinou para cada missão ou aldeamento uma porção de terra” (MATTA, 2005, p. 20) em que a medição em légua quadrada era conforme a quantidade de índios de cada aldeamento.

A Terra Indígena (TI) Pankararu<sup>114</sup> está localizada no sertão pernambucano do Submédio São Francisco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá. Composta de 12 aldeias, sendo uma delas a aldeia Brejo dos Padres, campo de pesquisa que escolhi para investigar.

Em 1937, os Pankararu tem seu reconhecimento oficial como povo tradicional<sup>115</sup> pelas autoridades federais e a implantação de um Posto Indígena pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), na Aldeia Brejo dos Padres.

“O processo de afirmação da identidade étnica conquistando o reconhecimento oficial, conferiria aos índios o direito de serem reconhecidos como tais, assim como, viabilizaria o direito ao território” (BEZERRA, 2018, p. 11). O primeiro passo para o

---

<sup>114</sup>A FUNAI distingue a Terra Indígena Pankararu (Brejo dos Padres) da Terra Indígena Pankararu Entre Serras (cf. <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>). Segundo o **Etnomapeamento da Terra Indígena Entre Serras de Pankararu** (FUNAI; GATI; ANAÍ, p.12), as aldeias de Pankararu Entre Serras são 14 e as aldeias de Pankararu são 12.

<sup>115</sup> “**Povos e Comunidades Tradicionais** são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.” (Decreto Federal 6.040 de 7 de fevereiro de 2000, Art. 3º, inciso I.)

processo de regularização do território foi a implantação de Postos Indígenas nos espaços das antigas aldeias, que passaram a ser registradas como Terras Indígenas<sup>116</sup>.

A Aldeia Brejo dos Padres, localizada na TI Pankararu/PE, local onde estão inseridas as Escolas Indígenas Carlos Estêvão e Pankararu Ezequiel, *locus* desta pesquisa, era um antigo aldeamento missionário católico, o que justifica sua designação “padres”, ou seja, o Brejo onde vivem os Padres. Tem um recorte ecológico retangular que dá forma a um anfiteatro contornado por serras, onde a terra é

bastante úmida e escura, alimentada por quatro fontes d’água, que nascem na cabeceira dos contrafortes e que, antes das obras de canalização, realizadas ao longo da última década, formavam um pequeno rio que escorria até a estreita saída desse anfiteatro, procurando desembocar, quando a seca permitia, no São Francisco. Uma região rica em fruteiras, em especial as mangueiras, goiabeiras e pinhas, que pode complementar a renda familiar de seus moradores em épocas menos secas. A fertilidade do solo permite plantar de tudo, desde o milho e os diferentes tipos de feijão, até a cana, introduzida ali em inícios do século passado e que, por muito tempo alimentou pequenos engenhos de índios, não-índios e do SPI na fabricação de “mel”, garapa e rapadura. (FERREIRA; ARRUTI, 2000, p. 28)

No entanto, essa paisagem vem sofrendo alterações por diversos motivos. Cito três deles, diminuição das chuvas, canalização das águas, o lixo, que acredito serem os principais na questão de impacto ambiental e cultural. Ambiental, pois modifica o ambiente, provocando mudanças econômicas. E cultural devido à relação do Povo Pankararu com a natureza, em especial com a água.

A simbologia da água está presente em várias civilizações desde a Antiguidade (Mesopotâmia, Egito, Roma, Índia) até aos dias atuais, num maniqueísmo de pureza/impureza. Mas, distante dessa dubiedade é que busco desenvolver este texto. Para tanto, me reporto a discursos que narram a água como objeto histórico e aos relatos empíricos do povo indígena Pankararu, em seu relacionamento com a água. A TI Pankararu, no meio do Bioma Caatinga é um lugar rico em águas. Das serras descem riachos sazonais. Várias nascentes d’água se encontram brotando nelas. Chegando a 500

---

<sup>116</sup>Encontra-se um quadro sobre demarcação das Terras Indígenas na p. 144 do texto citado de Brighenti (2015).

metros acima do nível do mar a TI Pankararu se torna um brejo de altitude no clima semiárido. A Fonte Grande originava um riacho que “embrejava” o lugar da Missão católica da Congregação de São Filipe Nery. Daí o nome Brejo dos Padres.

Qual é o sentido de água para os Pankararu do Brejo dos Padres? A água é algo sagrado. Sagrado é aqui entendido como uma categoria nativa que denomina lugares, objetos e pessoas que se intercomunicam com o mundo sobrenatural do cosmo Pankararu, que associa o sagrado à esfera doméstica, cotidiana e pública (LOVO, 2017). A água favorece a vida tanto na questão física quanto espiritual. Com relação à vida física, a água é algo que dá vida, o existir, sem ela nenhum ser vivente sobrevive. Quanto à questão espiritual, é das águas que vem os Encantados.

Na cultura Pankararu Encantados são índios que descobriram o segredo de se encantar e alcançar a imortalidade. Sobre eles estão a confiança e a fé do povo Pankararu, a ideia de que esses Encantados têm uma “força”, o poder de cura. No início os Encantados vinham através das cachoeiras do Rio São Francisco, relativamente próximas. A primeira era a Cachoeira de Paulo Afonso/BA. Devido às barragens construídas para a Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, esgotando a cachoeira e fazendo com que os Encantados subissem o rio em direção à cachoeira de Itaparica, que também se esgotou com a criação da barragem da Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga. Depois disso, os Encantados vieram para as fontes d’água que ficam hoje nas TIs Pankararu. Ao chegarem, cada Encantado se tornou dono de uma fonte d’água. No entanto, mesmo morando atualmente nas Fontes, os Encantados continuam ligados ao Rio São Francisco. Como afirma um(a) dos(as) professores(as) que entrevistei os Encantados “trazem essa energia que flui das águas do Rio São Francisco para dentro da ciência” (Professor(a) 1, 2019). O termo “ciência” refere-se à Tradição Pankararu no tocante ao conhecimento, participação inerente aos saberes espirituais.

Na Tradição Pankararu é comum banhos de purificação e/ou de limpeza nas bicas e principalmente na Fonte Grande, na “Nascença”, como costumam dizer, mas também na Bica de Camila, na Bica de Pai Chico (hoje em desuso). Quatro momentos são por eles ressaltados para esses banhos. Um desses é o banho dos noivos, que é realizado na Bica de Camila no dia do casamento. Antigamente o banho do noivo no dia do casamento, era

na Bica de Pai Chico e da noiva na Bica da Camila. Hoje em dia, devido à diminuição de água na Bica do Pai Chico, o noivo também tem que tomar banho na Bica de Camila, que era reservada para as mulheres.

Os noivos quando vão casar tem que ir à Bica pra tomar um banho. Tem esta tradição aqui. [*É na mesma Nasceça?*] Não. Já é uma bica mais afastada, assim alguns metros de distância. Porque a Nasceça é mais pra lavar roupa e essa Bica não, já vem desde... sei nem quando. Quando vai casar na Igreja tem o banho dos noivos. Os noivos tem que ir lá, tomar banho, e volta pra casa pra fazer... Tem toda esta... [*O noivo e a noiva?*] sim. E as pessoas vão acompanhando. É um cortejo. Vai volta lá e toma banho. Também quem quiser toma banho e depois volta. Vai se preparando para o casamento. (Professor(a) 1, 2019).

O banho dos noivos não é apenas uma questão de limpeza corpórea, trata-se de uma preparação para um ritual religioso. Preparar-se física e espiritualmente para um festejo, envolvendo todos que participam diretamente do casamento, porém um casamento na Igreja, ou seja, um casamento da Tradição católica. O que nos faz perceber que o processo de reinventar tradição proporcionou uma apropriação, teceu representações culturais: o casamento é dado a ser reconhecido por meio de um rito “estranho”, isto é, um rito católico. Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012, p. 9) tradição inventada é

um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Para os indígenas reinvenção das tradições ocorre no universo das práticas e não na essência dos sentidos e das relações (com a Natureza e seus Encantos, com a identidade do povo e sua história, com sua espiritualidade), exigindo continuidade com o passado.

Nasci índio. Foi aos poucos, no entanto, que me aceitei índio. [...] E foi ouvindo as histórias que meu avô contava que percebi o que os povos tradicionais podiam oferecer à cidade. [...] ele sabia exatamente aonde queria chegar e foi me introduzindo no universo da sabedoria indígena (MUNDURUKU, 2009, p. 13-14).

Nessas palavras se tem o sentido do que eu chamo “Tradição”, traço cultural que rotula os povos indígenas como “Povos Tradicionais”. Nesta experiência, o termo “Tradição” está imbuído do sentido de trazer do passado para o hoje, legitimando os anciãos como o meio e o referencial dessa memória. “As sociedades tradicionais são

filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. [...] Esta memória é reinventada no cotidiano para que todos possam caminhar conforme os ensinamentos [...]” (MUNDUKURU, 2009, p. 28). Através dessas memórias, do reinventar de tradições, encontramos a água como um elemento que tem um sentido arraigado à cultura do povo Pankararu, o que difere dos discursos que prevaleceram na história que conhecemos nas quais a água adquiriu uma representação de um bem a ser consumido e não de ser reverenciado.

Outro momento são os rituais como, por exemplo, a Corrida do Imbu e o Menino do Rancho, onde quem participa diretamente tem que tomar banho na Nasceça para se purificar. A Corrida do Imbu é um rito complexo, podendo ser denominado como rito de calendário, acontece em duas fases (a primeira de outubro a dezembro e a segunda de fevereiro a março), é relacionado a pagamento de promessas. O Menino do Rancho também é rito de pagamento de promessas (quando um menino adocece um rezador indica que é de determinado encantado e deve ir para o rancho), “é um rito muito caro que dura o dia todo” (MATTA, 2005, P. 169). Os banhos de purificação são essenciais, uma vez que, para eles,

Toda e qualquer ação que a gente faça a gente precisa tomar um banho. É como se fosse a água do mar pra outras religiões né, pra Iemanjá vai e faz uma oferenda e mergulha no mar tá se purificando, aqui pra gente a cachoeira é isso fazer essa purificação que hoje é na nasceça que tá sendo a única até então que a gente faz essa purificação. (Professor(a) 2, 2019).

A purificação não se restringe apenas aos momentos ritualísticos. Ocorre também em situações de enfermidade. Alguns dos relatos descrevem essa ligação dos índios com os banhos nas nascentes d’água para curar algumas doenças.

Às vezes a gente tá morrendo, como viram aqui que o meu problema foi sério, e eu tive que ir pra lá pros Encantados, e eles indicam se realmente a pessoa vai ter que ir pra o médico, o camisa branca como é conhecido, ou se eles fazem o tratamento, se eles disserem que fazem então não vá e se eles disserem que é pra ir a pessoa vai, mas chega o momento da pessoa: oh, tu pega esse paciente leva ele lá na nascente de meia noite dá um banho nele lá, ai o cabra logo diz de meia noite? Sim qual é o problema, ele [*o Encantado*] pediu pra ir de meia noite então é meia noite, a hora quem escolhe é ele, e muitos já foram e quando chega lá tomam o banho no outro dia [está] bom, acabou-se a doença, e aquele que não cumpre prefere ir para o hospital termina indo pegar aviãozinho pra outra eternidade. (Professor(a) 3, 2019).

Essa relação íntima com a água revela um encontro corpo-água-espírito que rompe o estado físico dos sentidos alcançando o metafísico, o da sensibilidade. Como ocorre essa ligação com o metafísico? Como saber a hora, o momento certo de banhar-se? A prática de ir às nascentes ouvir ou invocar espíritos e estabelecer contatos com os Encantados não é algo fácil de exercitar e tão pouco de ser revelado. Isso é segredo. “Às vezes tá doente, tá se sentindo cansado. Vou pra Nascente, vou tomar um banho. Quando vem, venho revigorado, como se estivesse realmente lavado, limpado a alma.” (Professor(a) 1, 2019). Limpado a alma. A água toca o ser. Toca, ou seja, faz experiência. O indivíduo sujeito da experiência se disponibiliza, se abre como um espaço onde as coisas acontecem. Um sujeito receptivo que fica “ex-posto” favorecendo uma relação com algo que senti, que ao mesmo tempo que o toma, o forma e o transforma (BONDÍA, 2016). Professor(a) 1 (2019) em sua experiência com a água foi tomado por um sentimento que o transformou, o purificou. Há um entrelaçamento no qual a água limpa, aconchega, fala ao indivíduo que a acolhe, que a sente, que é curado.

Essa experiência com a água se estabelece pelo aguçamento das sensibilidades, que se inscreve sob o signo da alteridade, e estão na criação imaginária do mundo (PESAVENTO, 2007), e da capacidade de um relacionamento inclusivo entre a água e o indivíduo, partindo de uma perspectiva em que todas as coisas estão interligadas e possuem uma força vital.

Tomar banho na Nascente começa a fazer parte da vida mesmo antes do nascimento.

As mulheres quando estão grávidas também tem esse costume essa tradição nossa de ir tomar o banho. Eu lembro que eu fiz isso assim, vai quando está com nove meses, vai se banha na água, toma o banho na água e depois que você ganhar [parir] que passar o período do resguardo, os trinta dias, você retorna lá para tomar um banho. (Professor(a) 1, 2019).

Nascimento e água. Água dentro e fora do ventre. Ventre que está brotando vida. O banho liga-se à mãe, para que esta tenha um bom parto, ou seja, na hora do nascimento não haja complicações biológicas, e liga-se ao filho, para que esse nasça ligado com a Tradição Pankararu, nasça abençoado pelos Encantados.

“A gente tem uma ligação com a água muito forte” (Professor(a) 1, 2019). Ao escutar esta frase de um/uma professor/a, me pus a pensar: A gente quem? Todos os Pankararu? Somente os Pankararu do Brejo dos Padres? Será apenas as pessoas da família desse/dessa professor/a? Como essa ligação é trabalhada (ou não) nas Escolas Indígenas Pankararu? Que inquietações são afloradas perante os problemas hídricos provocados pelas encanações e pelo acúmulo de lixo? Que práticas educativas são ensinadas nas escolas para lidar com os problemas que afetam as Fontes? Como fortalecem, entre si, essa ligação com a água? Bem, não sei se terei respostas para todos esses questionamentos. Essa pesquisa não abrange todo o Povo Pankararu, nas mais diversas localidades em que ele habita. Mesmo assim, trazê-las a esta reflexão amplia as inúmeras possibilidades em que este povo ainda pode ser estudado.

Nascemos de uma bolha de água. Passamos nove meses dentro de uma bolsa (útero) com um líquido (amniótico) que contém substâncias necessárias para desenvolver-nos. Nos renovamos diariamente até atingirmos um estágio tal que podemos nadar correnteza abaixo até desembocar no mar que chamamos de mundo. Da mesma maneira acontece no mundo do discurso histórico, que se “renova” pela narrativa cultural ao longo dos anos, uma narração de sensibilidades, de sentidos, ressignificados no encontro educativo com as águas Pankararu. Tais águas, até então à margem da história, suscitam novas maneiras de sentir e de perceber a água, e que são passadas, de geração a geração indígena, pelas práticas educativas cotidianas e escolares.

Não adianta defender e cuidar da água se não se reconfigura o sistema que provoca a falta de sensibilidades para com a boa convivência com a água. Para isso, preservar a “integridade física e biológica” das águas exige “ações multidisciplinares de longo prazo para que se possa gerar mudança de cenário” (SIQUEIRA FILHO, 2012, p. 31), entre as quais a qualificação de profissionais e do ambiente acadêmico para desconstruir e reformular outros discursos de sustentabilidade (SIQUEIRA FILHO, 2012, p. 23; 59). Discursos que ampliem o debate sobre a simbologia da água nas suas mais diversas representações sociais.

### **3 Considerações Finais**

Para a maioria dos povos indígenas brasileiros a água é fonte da vida, elemento de relação com a divindade e de harmonia consigo mesmo e com a natureza. De comunidades indígenas nos vem terapias baseadas na água: chás e banhos entre outros. Nos povos tradicionais da América a água é o primeiro elemento da criação e primordial manifestação do amor divino por nós. Na religião mexica o culto era voltado às forças da vida, representadas na serpente alada, Quetzacotl, e no deus que fecundou a terra, Huitzlopotez, em que a primeira comunicação com a energia divina era feita através da água. Os índios andinos acreditavam que “Viracocha, suprema manifestação de Deus, vive nas águas do Titicaca, o lago sagrado” (BARROS, 2003, p. 102). Conforme as comunidades andinas a água é o primeiro presente divino.

Dentro do contexto Pankararu, inúmeros são os relatos que podem ser publicados acerca dessa relação da água com o divino. Ao perguntar a um(a) professor(a) Pankararu qual a importância da água para sua vivência indígena, ele(a) responde:

É muito importante mesmo, porque para nós povos indígenas, para nós Pankararu, inclusive, a gente tem uma relação muito, assim, muito forte com a água. Porque não é só uma questão da água que mata nossa sede, que faz com que os animais vivam. As matas e tudo mais. A gente tem uma ligação com a água muito forte. Porque para preparar nossos banhos, quando tem alguma coisa relacionada à nossa tradição tem que buscar água, tem que buscar água na Nasceça, que lá pra gente é um lugar sagrado. [...]. Então aquela água ali pra gente é sagrada. Para fazer banho..., às vezes tá doente, tá se sentindo cansado. Vou pra Nasceça, vou tomar um banho. Quando vem, vem revigorado, como se estivesse realmente lavado, limpo a alma. Para mim é uma relação muito forte com a água. (Professor(a) 1, 2019).

E ao indagar se esse banho pode ser, por exemplo, um banho no chuveiro, a resposta foi objetiva: “Não. Tem que ser da fonte”, isto é, da Nasceça. E ao ser questionada se vai à fonte tomar banho ou pegar a água para os afazeres domésticos, ela responde: “vai à fonte tomar banho. Se não der pra ir, vai e pega os garrafões e traz a água e toma em casa, mas é diferente. Não sei explicar, é só sentindo assim, porque não é a mesma coisa abrir chuveiro e tomar banho. Não, é totalmente diferente” (idem).

O que é este “diferente” de que está falando? Quando visitei a Nasceça me deparei com algo inesperado, considerando as afirmações acima relatadas: a água da Nasceça jorra por um cano. E me perguntei: o que faz um banho na Nasceça ser

diferente de um banho de chuveiro, quando as duas águas são ambas encanadas? Será que essas sensibilidades afloradas em Professor(a) 1 (2019) é devido ao ambiente e não somente pela água? Ou será pela crença que aquela água é protegida por um Encantado?

Os discursos teológicos, biológicos e éticos estão orientados para uma visão da água que supera um horizonte puramente “material”, apontando para uma consciência maior que já é percebida há tempo nos discursos e na visão tradicional indígena. Cito aqui um trecho do texto do Cacique Seattle datado de 1854, do povo indígena Duswamish, que responde a uma proposta do Presidente dos Estados Unidos para comprar uma grande parte das terras do seu povo.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar a suas crianças que ela é sagrada e cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz dos meus ancestrais. Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão. (Cacique Seattle, 1854, apud MUNDURUCU, 2009, p. 89-92).

Segundo o conhecimento tradicional do povo indígena Duswamish tudo é uma coisa só, tudo está em ligação com tudo; todas as coisas existentes (pedra, árvore, rio, animais, vento, ser humano) estão interligadas e são possuidoras de uma força vital que anima e mantém viva a Terra. “O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo” (Cacique Seattle, 1854). Nesse sentido a água é entendida como algo além de sua estrutura física: a água é sangue, é a voz dos ancestrais, é irmandade, portanto, sagrada. Para Seattle, as águas são guardiães de sabedoria e as crianças devem aprender esses saberes. Educar crianças para ouvir o murmúrio e não somente os estrondos, as correntezas, o barulho das águas, é fazê-las sentir, se envolver, saborear o néctar. É ajudá-las ter a percepção que as águas falam, ensinam, as colocam em seu colo, as aconchegam. Para tanto, faz-se necessário utilizar práticas educativas que ajudem a “pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*” (BONDÍA, 2002, p. 20). Uma educação que seja tocada pela vivência, que provoque e seja provocada pelos sentidos, deixando a água inundar os saberes escolares para assim

poder ouvir o que ela tem a falar, e daí sentir, fazer experiência entre o que é natural e o que é humano.

O fato é que existe uma mística com as águas da Nascença. O banhar-se na Nascença, fonte de água sagrada, é entrar numa conexão com a água que ultrapassa o lado físico, é um mergulho metafísico, recoberto de encanto. A água perpassa o corpo atingindo o SER. A água deixa de ser apenas parte fundamental da natureza externa e da vida biológica para tornar-se dimensão semiótica. “Semiótica quer dizer: o homem não pensa, não sente, não quer, não deseja, não vive só com a linguagem verbal, mas tem uma infinidade de outras linguagens com as quais convive e pelas quais se comunica” (SANTAELLA, apud SCOZ, 2011, p. 48).

É na dinâmica simbólica, porém, que a água diz respeito mais profundamente à vida do ser Pankararu. A água é sentida, passa a ter sabor, cheiro. Ao banhar-se na água da Nascença, algo acontece, um sentimento floresce, um novo vigor, um sabor saboroso que sacia os sentidos, uma mística é revelada... A mística da água que dá vida.

Um mergulho nas águas Pankararu pode transformar, suscitar sentimentos, emoções. Um sentir que afeta o modo de se relacionar com as águas. O povo Pankararu se apropria das águas atribuindo significados próprios de forma plural e criativa, tecendo representações e práticas educativas que podem transpor de um estado para outro. Práticas que despertam o sentir por meio do corpo e da percepção, “ato pelo o qual o indivíduo organiza sensações que se apresentam, interpretando e complementando por imagens, lembranças, experiências” (PESAVENTO, 2007, p. 12). O banhar-se na Nascença ou numa Bica limpa a alma, cura uma doença, pois aquela água é mais que um elemento químico, é algo sagrado, é transcendental. Uma água transmorfa que limpa, cura e tece condutas e práticas educativas.

## **REFERÊNCIAS**

ARRUTI, Maurício Paiva Andion. **O reencantamento do mundo**. Trama histórica e arranjos territoriais Pankararu. Dissertação para o grau de Mestre em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

BARROS, Marcelo. **O Espírito vem pelas Águas**. São Paulo: Loyola, 2003.

BEZERRA, Deisiane da Silva. **A atuação do padre Alfredo Dâmaso e suas contribuições para o reconhecimento étnico dos fulni-ô e as mobilizações indígenas no nordeste contemporâneo**. Dissertação de Mestrado em História da UFCG. Campina Grande/PB, 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Conferência proferida no SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1, 2001, Campinas, SP. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. Movimento indígena no Brasil. In: WITTMANN, Luisa Tombini (org.). **Ensino (d)e história indígena**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 143-175.

CACIQUE SEATTLE. **Carta ao Presidente dos Estados Unidos Franklin Pierce**. 1854. In: MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**. Conversa sobre a origem e a cultura brasileira. São Paulo: Editora Global, 2009, p. 89-92.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

FERREIRA, Ivson J.; ARRUTI, José Maurício Andion. **Relatório da identificação e delimitação da TI Pankararu-Entre Serras/PE**. 2000.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI); UNIDADE DE GESTÃO DO PROJETO – GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL INDÍGENA (GATI); ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE AÇÃO INDIGENISTA (ANAÍ). **Etnomapeamento da Terra Indígena Entre Serras de Pankararu**. Disponível em: <https://1drv.ms/b/s!AoiZuL-mnp27g60qJwG4g2kmlR4ezQ>. Acesso em 23/05/2018

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

LOVO, Arianne Rayis. **“Lá sendo o lugar deles é também o meu lugar”**: pessoa, memória e mobilidade entre os Pankararu. Dissertação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas/SP, 2017.

MATTA, Priscila. **Dois elos da mesma corrente**: uma etnografia da Corrida do Imbu e da Penitência entre os Pankararu. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP). 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**. Conversa sobre a origem e a cultura brasileira. São Paulo: Editora Global, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B1tQ2XAFclGdTDdRS0JWb0pJbms/view>. Acesso em 23/05/2018.

PESAVENTO, Sandra. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 7-21.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Cidade das águas**. Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora SENAC. 2007.

SIQUEIRA FILHO, José Alves de (org.). **Flora das Caatingas do Rio São Francisco**. História natural e conservação. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2012.

## SENSIBILIDADES IMERSAS NAS MEMÓRIAS ESCOLARES: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PARAIBANA

Maria Letícia Costa Vieira  
(UEPB,I)  
lcosta3007@gmail.com

Patrícia Cristina de Aragão  
(UEPB, I)  
patriciacao@yahoo.com

### RESUMO

Neste trabalho, buscamos investigar, através da pesquisa elaborada na Iniciação científica (PIBIC/UEPB) com o projeto intitulado “Memórias escolares nas narrativas de docentes negras: práticas educativas na história da educação paraibana” como o contexto escolar vivenciado por docentes negras contribuiu para atos de preconceito, discriminação racial